Andaluzia, a mensagem sem fim: um ensaio sobre o símbolo e a poética de Fernando Pessoa no texto de "Mensagem"

Daniel Vecchio[1]

Resumo
Este ensaio propõe um estudo comparado entre a interpretação de *Mensagem* de Fernando Pessoa em relação a uma leitura da simbologia do brasão português redesenhado no século XV. Abordando as passagens históricas que envolvem estes dois objetos, evidencia-se o projeto de cultura portuguesa proposto pelo poeta português ao longo de sua carreira intelectual e também se releva uma construção do contexto dos descobrimentos portugueses que envolve o surgimento do novo brasão.

Palavras-Chave: Fernando Pessoa, Mensagem, Brasão, Viagem

Andaluzia, the endless message: an essay about the symbol and the poetic in "Mensagem" by Fernando Pessoa

Resume
This essay propose a comparative study between an explain about *Mensagem* by Fernando Pessoa and an explain about the symbol of the portuguese coat-armour remaked in the fifhteen century. For a better understanding, this study includes the history of both objects, envolving the portuguese cultural project proposed by Pessoa during his intellectual carrer and some moments of the sea discovery.

Key-words: Fernando Pessoa, Message, Coat-armour, Journey

1 Graduando em História e Literaturas de língua portuguesa pela Universidade Federal de Viçosa. Atualmente participa do Grupo de Estudos Culturais do Departamento de Letras da mesma instituição.

Andaluzia, a mensagem sem fim: um ensaio sobre o símbolo e a poética de Fernando Pessoa no texto de "Mensagem"

figura-capa: *O último padrão* – Ilustração da obra Mensagem em óleo por Carlos Alberto Santos, década de 90

I- Breve ensaio sobre a mensagem dos homens

Todo começo é involuntário.
(PESSOA, 1998, p. 72)

Primeiro nasce o verbo. Do nascer, a experiência que carrega em si a mensagem. A mensagem é algo mais verdadeiro e grandioso na vida do que aquilo que nós mesmos acreditamos. A experiência e a mensagem estão completamente atreladas e são compreendidas, principalmente, como uma participação da humanidade no ato da vida. Em textos, presenciamos com afinco esta relação nas variadas leituras míticas. O mito é uma situação por si só dramática, em movimento, e só quem já sentiu ou viveu idéias semelhantes é que acaba se surpreendendo e se identificando muito pelas passagens. Em *Ulysses*, da obra *Mensagem* de Fernando Pessoa, a poesia começa assim: O Mytho é o nada que é tudo. (PESSOA, 1998, p. 72)

Prestemos bastante atenção na questão do 'nada' inserido no 'tudo', pois esta relação associada com o mito pode possivelmente estar de acordo com a idéia de que para algumas pessoas a leitura de um mito não quer dizer muita coisa e para outros, tudo. Observe que um mito nunca dá sua estória por acabada. Não há uma conclusão final na qual uma palavra fecha o significado que se quer passar para o

leitor. O mito transcende através de uma experiência universal entre os homens, convertendo-se de uma pequena estorinha para um acontecimento real, simples e cotidiano.

A origem do termo "mito" vem do *mythos* aristotélico, cuja semântica se aproxima do significado de 'enredo' ou corpo de idéia (ARISTÓTELES, 2004, p. 48-49). Porém o mito não se trata de uma forma acabada, mas sim de uma idéia que se contrai nas diversas situações particulares de uma pessoa. Estas representações míticas influenciavam e nos influenciam durante o nosso percurso de vida, nos permitindo captar lições e mensagens que são retiradas da leitura de símbolos, significados e demais tipos de representação.

Diante da minha experiência de leituras e de viagens, podemos iniciar esta mensagem mencionando o importante mito de um dos prisioneiros da caverna dos homens, pensada e criticada por Platão, na Grécia clássica (PLATÃO, s/d, p. 153). Quão enriquecedora pode ser a mensagem de quem viveu a luz do sol e volta para um mundo cavernístico de sombras do qual era proveniente? Este ser, tomado pela emoção, inspirado pela novidade, pela fonte reluzente do dia, não mais aceitará que seus semelhantes continuem a viver acreditando na reduzida existência obscura das sombras. Observe que sua mensagem soaria como uma profecia herética para aqueles que não passaram pela mesma experiência.

Mas não precisamos nos prolongar no mito da caverna, mas basta fazer um apontamento platônico sobre o caso desses prisioneiros: mesmo que depois de libertos para o lado de fora, de fato a caverna deixará de existir em cada um deles? Não vivemos de acordo com nossas intimidades e medidas? Falar sobre a caverna portuguesa, portanto, feita de terra, água salgada e muita sombra, é falar do mito trágico-marítimo, é falar das ambições, das vontades, das novidades, dos temores e dos demais sentimentos portugueses diante de novos lugares e costumes.

Muito inovadora pode ser a mensagem de quem experimentou qualquer que seja o horizonte. No drama litúrgico de uma peça teatral natalina de fins do século XII, *Mystère d'Adam*, estudada no sétimo capítulo da obra crítica de Auerbach, *Mimesis (*AUERBACH, 1994, p. 125-150), Eva, depois de travar uma conversa com o Diabo e com todo seu olhar calmo e não preconceituoso sobre o caráter malvado deste personagem, segue seus instintos manejado pela serpente e insiste para que Adão coma a maçã. Eva ainda defende que tal experiência seria surpreendente e após experimentar a maça o diz: *"*Que sabor tem esta maça! Um sabor que homem algum experimentou. Agora os meus olhos tornaram-se tão claros, que eu me sinto como Deus todo-poderoso. Tudo o que foi, tudo o que será, tudo o sei e sou seu senhor. Come, Adão, não hesites...".

Foi esta mesma maçã que Portugal desejou e comeu. Um fruto proveniente da árvore do pecado cuja malícia só conhece quem experimenta. O trecho de abertura *O Das Quinas* da *Mensagem* pessoana nos ajuda a compreender melhor o desfecho desta passagem de Adão e Eva, pois, o poeta português retira a simples interpretação da ação do pecado que deve ser evitado ou enfrentado e adiciona uma leitura providencial da história ao discorrer do pecado inevitável e formadora do próprio destino do homem:

> Os Deuses vendem quando dão.
> Compra-se a glória com desgraça.
> *(*PESSOA, 1998, p. 71)

Não foi mesmo Deus quem, controlando a própria serpente do diabo, providenciou o destino ambicioso de Adão e Eva? Para deixarmos esta importante passagem da liturgia bíblica, cabe aqui lembrar que Eva e todos os homens nunca mais foram os mesmos após experimentar do doce fruto e a audácia portuguesa diante dos novos descobrimentos marítimos também fez com que toda Europa olhasse de modo diferente para o horizonte distante do oceano e da própria alma. Este é um dos valores mais belos que a cultura portuguesa nos transmite até hoje: o problema do conhecimento e do reconhecimento do ser.

Para expandir um pouco mais esta questão do reconhecimento, tratemos da melancolia do auto pensamento recorrente do navegador português solitário que navega pelos mares sem fim do espírito.

Apoiarei-me numa passagem, que recorre a este elemento psicológico e cultural, de uma das obras mais importante para a existência não somente da língua, mas da identidade portuguesa: *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. No canto X, o navegador português, Vasco de Gama, comanda sua esquadra de caravelas para realizar a volta para Portugal após terem chegado à Índia. Cabe aqui salientar que neste momento nem todos os portugueses retornaram com a esquadra, pois, muitos ficaram por estas terras, impulsionados, principalmente, pela possibilidade da riqueza imediata. É a partir deste fato que Camões construíra uma das cenas mais bonitas de sua obra-prima: narra a volta desta viagem exaltando uma esquadra constituída de verdadeiros portugueses que foram moralmente fiéis aos valores do estado e da família diante do compromisso de firmar a rota realizando sua volta. No decorrer do caminho de casa, esta esquadra dignamente portuguesa foi agraciada divinamente pela oportunidade de desembarcar na misteriosa Ilha do Amor. Nesta ilha, Vasco da Gama é recebido pela ninfa Tétis, a mais próxima de Vênus, que, ao levá-lo ao pico mais alto desta ilha, lhe mostra a Máquina do Mundo cujo funcionamento ptolomaico de todo o universo não passaria de um sistema imaginado pelo homem:

80

Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assim foi do Saber alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limitada,
É Deus; mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

(CAMÕES, 2002, p. 303)

Gostaria de evidenciar nos versos da estrofe acima a revelação de Tétis à Vasco da Gama que consiste na limitação, falta de princípio e de indefinição do universo, tornando frágil a própria exatidão desta máquina. Tétis ainda acrescenta que o vazio que cerca a máquina do mundo não corresponde ao seu fim, mas sim aquilo que nossas vistas não consegue alcançar e que ao menos acredita-se alcançar. É este acreditar que caracteriza o providencialismo que emana da inevitabilidade do desconhecido, trazido por Deus aos portugueses.

Por isso, esta máquina de Tétis é demonstrada só para aqueles que mantiveram a crença em suas almas e no amor pela pátria e pela família suficientes para sentir outros sofrimentos que não o do caminho concreto que foi ou esta a ser percorrido. Somente estes marinheiros fiéis à esquadra é que conseguiriam interpretar a subjetiva máquina universal. A atividade espiritual de um marinheiro não é algo que valha por uma ilha de ouro. Esta necessidade de percorrer outras rotas que não podem ser vistas, mas que podem ser sentidas, próprio deste navegar individualista, vai ser um elemento chave para constituir a concepção de mundo entregue aos portugueses pelas ninfas deste lugar tão cósmico que é a Ilha do Amor.

Esta leitura sobre a passagem camoniana feita acima é muito importante para se compreender a construção do próprio brasão português. Este que foi sendo redesenhado desde o século XII, modificou-se bastante até o reinado do Infante D. Henrique e, neste momento das navegações, não deixa de corresponder a estas subjetividades enfrentadas pelos homens de muitas viagens. O brasão é a máquina do mundo português, com toda sua história e mito. Esta análise é fundamental para se perceber toda a construção da poética de Fernando Pessoa em *Mensagem,* de 1925, obra esta que será caracterizada por cantar intensamente os novos mares que se abrem no espírito português. Assim como Camões enfatiza o canto dos mares externos e orientais da Terra, o canto de *Mensagem* é o mar do patrimônio comum, emblema da coletividade, o mar espiritual que navega por entre as antigas tradições marítimas portuguesas, e que tem nos descobrimentos do mundo e do ser o seu ponto de convergência.

(Figura 1 - Brasão de Portugal)

I- Por uma mensagem do brasão português

O rosto com que fita é Portugal.
(PESSOA, 1925, p. 71)

Nesta mensagem entrego nada a mais daquilo que levo a bordo da minha mente e do meu corpo. São profecias que não passam de mistérios como linha abstrata de horizonte, onde uma ilha "indescoberta" está prestes a ser mais encoberta pelas minhas novas vestimentas. E por este ir além da alma que o mar português é sem fim, ou melhor dizendo, da maneira mais sensacionista de Álvaro de Campos, o mar português é sem fim e o mar de todos os fins. As navegações pela história de Portugal representadas na obra poética de *Mensagem* não se resumem pelo simples ato de navegar para cumprir um objetivo ou narrar um simples fato. A idéia do navegar pessoano remete à sensível idéia de que o mar é breve, mas os oceanos da alma são intensamente mais vastos.

Se no início do século XX o conhecimento da extensão do mar era totalmente descoberto, se a terra já não apresentava mais mistérios, o descobrimento da alma estava, e possivelmente ainda está, em suas mais recentes empresas ocidentais. É de um trabalho de empatia que Fernando Pessoa arriscará, como um Colombo, navegar diretamente até a alma dos heróis e nobres portugueses, que foram responsáveis pela alta coragem de desbravar o mar desconhecido, tendo que conviver e descobrir seus próprios medos em prol do fortalecimento e enriquecimento de seu rei e Estado. Para discutir tais sensibilidades, Fernando Pessoa dará voz em primeira pessoa a estes principais personagens históricos de Portugal, já localizados no primeiro livro de *Mensagem*, cuja parte é intitulada de 'Brasão'.

As relações simbólicas do brasão nacional português e a obra pessoana, surgirão como devaneios de uma mensagem dramática entre os atores históricos e seus imaginários. Sendo assim, adiante levantarei

um estudo acerca da possível simbologia do brasão português no intuito de relacionar e identificar tal construção simbólica na poética de Fernando Pessoa, na obra em destaque. Do brasão português, Pessoa se inspira para escrever *Mensagem e* do brasão português também retiro a inspiração para escrever este breve e vasto ensaio.

Antes de iniciarmos a viagem, é relevante salientar como que o brasão português era interpretado moralmente no momento da vida do poeta português. Nesta época, era convicto o sentimento exacerbado de posse, de glória através do pioneirismo bélico das navegações exercida pelo estado português desde o século XV. Isso se verifica também através das modificações que o brasão vai sofrendo no decorrer dos séculos. Modificações estas que diminuem sua beleza espiritual e subjetiva como o vôo do grifo, por exemplo, reduzindo o brasão às importâncias mais nobres e concretas como a manutenção de seus castelos reais. "A tendência para a redução da imagem simbólica, exprime, de certo modo, a pobreza não só nos campos educacionais e materiais, como também no espírito geral da nação portuguesa" (BRECHON, 1998, p. 496-497).

A partir de finais do século XIX e início do XX, a evolução da indústria e da democracia política eram alguns dos fatores mais visados da moderna vida européia. Entretanto, o atraso industrial e o absolutismo político ocupavam as terras portuguesas. Contudo, Pessoa soube conviver tal perspectiva com maturidade quando percebe que Portugal não deve se sujeitar somente às medidas materiais da modernidade e muito menos reduzir o seu passado a um tom glorioso para valorizar a cultura do país. Ao cantar *Mensagem*, Pessoa viaja pelo passado no sentido de navegar em direção a um futuro mar que até hoje é minimamente descoberto, o mar dos pessoalismos, o mar das tendências espirituais que pouco desbravamos em nós mesmos, mares do conhecimento e do próprio reconhecimento de que traz uma outra perspectiva ao português, a de que seu habitat não é o único império central do mundo ultramarino, que ao individuo não cabe impor suas medidas, nem suas precárias honras tradicionais que não passam de um passado recontado de maneira falsa e elogiosa. Fernando Pessoa trabalhou, portanto, na ferida da causa portuguesa, cantando a alma desta vida preenchendo-a de amor, de poesia, de filosofia, de muita experiência e de história. Repare que Fernando Pessoa nos deixa uma mensagem que nada mais é do que um relato de suas navegações nervosas: uma sensível viagem a deriva pelos pensamentos que se cerca, um quinto império espiritual imerso numa busca platônica da própria consciência que é desconstruidora e sem fim.

Da abertura destes novos mares, daqui navegaremos pelo semblante que defendeu Portugal através dos padrões construídos em várias partes do mundo. Começando por lembrar que o brasão histórico representou, em partes, toda a organização estrutural da obra *Mensagem* de F. Pessoa. Nesta análise, pretendo manter um drama ou certa tensão entre a leitura do brasão, máquina do mundo português, em conjunto com algumas poesias da obra pessoana citada.

O escudo

século XII

século XV

(figuras 2 e 3)

O escudo compreende os campos destes dois Brasões. Mantem-se em divisão o campo dos castelos do campo das quinas. Esta base geométrica apresenta em seus extremos superiores, dois cantos ou precipícios opostos de ângulo reto, e se completa em uma curva na parte inferior. Aos dois extremos de ângulo reto da parte superior do escudo, pode-se remeter a metade do amplo imaginário da cosmografia medieval, universo este perfeitamente desvendado e estruturado, como a idéia daquele universo contraído num quadrado perfeito e único, sustentado por "quatro anjos celestiais" (KAPPLER, 1993, p. 14-17). Ora, não há dúvidas acerca da forte cristandade do reino português, aliás, esta fé foi a base da formação deste reino, através da força dos cavaleiros de Cristo contra os mouros na guerra da reconquista.

No entanto, ao verificar as partes mais baixas do brasão é como se dois dos quatro anjos escorregassem até cair pela curva da dúvida, pela curva incerta e incompreensível do horizonte marítimo. O escudo é uma caravela forte que tende a se curvar até um ponto distante querer alcançar. Para saber o que há neste ponto, somente ao ponto para ver o que se quer ou onde chegar. Não há limite, não há limitação geométrica ou geográfica que faça o ponto apontar com determinação. A vista destes infindáveis extremos de Portugal, pelo marinheiro encorajado de fé, se expressa pela forma de seu escudo cujas pontas trinas dialogam facilmente com a idéia cristã do santo espírito. Espírito Santo este que metamorfoseia a verdade do Pai ao Filho, a frágil verdade ao filho que ao ser pai convive com a morte do pai e a partida do filho – um eterno restelo - vai com Deus meu pai, e vai com Deus meu filho. Para toda esta simbologia do brasão português a geometria e a geografia se encontram no mesmo medo imaginário da partida, da descoberta e do retorno - este processo de deformação simbólica para absorver determinados imaginários, é um princípio da construção e da leitura da forma do escudo português.

Em *Os Campos*, a primeira poesia de *Mensagem*, Fernando Pessoa a divide em duas partes, correspondendo à divisão dos campos já mencionada (os castelos da parte exterior e as quinas da parte interior nuclear). Na primeira parte *Os castelos* o poeta relata as posições geográficas dos países europeus em relação a um "rosto com que fita" que é Portugal, remetendo a idéia de que Portugal é o país localizado no extremo europeu mais alto da parte ocidental deste continente, a andaluzia da cabeça de um homem, que olha constante para frente, que enxerga e experimenta coisas que seus troncos e seus membros inferiores nunca vão avistar ou sequer imaginar. Portugal, mais do que ninguém, experimentou a dúvida do mar, a dúvida de Deus e a dúvida de si, viagens incertas, que depois de certeiras e manjadas nunca mais se efetivaram com o mesmo imaginar.

Na segunda parte de *Os Campos* intitulada de *O Das Quinas,* temos a figura da cruz que comporta as cinco quinas no núcleo do escudo. A cruz de Cristo simboliza desde o pecado até a ressurreição do homem. Trata-se da eterna representação de Deus que tem a meta de guiar os homens pelos caminhos na terra. Esta leitura religiosa nada se afasta da idéia divina do homem português como guia milagroso dos mares, enfrentando a força natural da odisséia marítima e a ressurreição do seu reino, cedendo à vida de seus capitães e "Sebastiães" em prol das gradativas descobertas dos caminhos encobertos.

> *Os Campos – segundo* / O Das Quinas
> Foi com desgraça e com vileza
> Que Deus ao Christo definiu:
> Assim o oppoz á Natureza
> E Filho o ungiu. (PESSOA, 1998, p. 71)

Desta força da fé no milagre religioso, mistificado na figura da cruz de Cristo é que o navegador português colherá coragem suficiente para partir rumo ao desconhecido. Este núcleo do escudo português, que constitui o campo interior e que é preenchido pelos cinco conjuntos de cinco quinas dispostas em cruz, já citada a pouco, refletem o sinal subjetivo da força divina representado por Cristo que sede o milagre ao homem na terra, e para expor esta idéia segue uma das poesias que compõe o *Brasão*:

As Quinas / D. Fernando. Infante de Portugal
E eu vou, e a luz do gládio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma. (PESSOA, 1998, p. 75)

Observe que em *Mensagem*, as quinas representam a alma dos personagens históricos que estão ligados ao sacrifício das primeiras tentativas de ir além do descoberto. Foram estes os Vascos, Cristóvãos, Franciscos, Afonsos, Duartes, Fernandos, Pedros ou Preste João:

> Aqui os heróis são eleitos segundo o grau de infelicidade, por meio das qualidades que os tornaram desgraçados mas que, em contrapartida, os converteram em eternos. São confessionais estes poemas, em voz baixa, em tom menor, e louvam obediência, transparência, a insignificância e a ousadia. (FARRA, 1998, p. 87)

O mito trágico-marítimo português é uma louvação cristã do espírito perambulante do navegador. Para navegar basta começar duvidando de si mesmo. Quem somos nós? Talvez sejamos simples portugueses que acreditam na volta de um D. Sebastião, e nele depositamos esperança da salvação e da glória dos homens. Somos todos Sebastiães, ousados, solitários em terra estranha, desesperados como Judas e confiantes como Cristo. Enfim, esta corrida identitária pode ser uma viagem homérica e tornar os sentidos da vida, por vezes, invisíveis e infindáveis. Viver e navegar se confundem.

Já o campo da borda do escudo, onde se localiza o conjunto dos cinco castelos reais, é justamente a linha do muro que dará a forma limitada do escudo protegendo seu núcleo. Estes pesados muros de castelo caracterizam o objeto que tem a função de proteger, fixar e atacar. O castelo é a corporificação dos Reis portugueses no brasão, que cumpriram seus governos longamente pela glória de Deus e que trabalharam efetivamente para defender aquilo em que os espíritos de sua tradição acreditavam: 'navegar é preciso, viver não'. Foram Reis que preparam o terreno com pinhos para que os seguintes viessem a colher a madeira, construir as naus e navegar:

Os castelos / D. Diniz
Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver.
E ouve um silencio murmuro consigo:
É o rumor dos pinhaes que, como um trigo
De Império, ondulam sem se poder ver.
(PESSOA, 1998, p. 73)

As quinas do escudo permitem aproximar a interpretação do brasão a um leque de possibilidades, principalmente para discussões acerca deste movimento nuclear do individuo, com características que se associam a um mergulho espiritual da própria existência ou um adentrar nas florestas infindáveis de pinhos, em direção labiríntica, rumo ao interior da alma portuguesa.

No que corresponde aos exercícios do reino, a talassocracia do povo de Santa Luzia sacrificou seus homens pela causa marítima. No entanto, foi deste sacrifício que surgiu a ressurreição das ideologias, a alimentação dos mistérios marítimos que se ateará culturalmente às nobrezas defendidas pelos sete castelos reais lusitanos. Assim pode ser interpretado os castelos do escudo que será, logo a seguir, coroado a partir do desembarque das primeiras conquistas inter oceânicas.

A coroa

Na coroa do brasão português do século XVI apresentado acima contextualiza o momento antes de D. Sebastião embarcar para África e de perder a vida em Alcácer-Quibir, quando ordenou uma mudança de grande significado político: procedeu à substituição da coroa aberta, já figurada no reinado de D. Manuel, por uma coroa real fechada. Este pormenor simbolizava o reforço da autoridade régia através da conquista de Marrocos e da obtenção de um título imperial, que a coroa fechada simbolizava.

Entre outros detalhes, o que desejo ressaltar é a coroação do castelo que inaugurou a posse além-mar. O governo de Nunalvares Pereira, em *Mensagem* de Pessoa, é coroado pela iniciação das primeiras conquistas marítimas. Um início que tem a esperança de desvendar os obscuros caminhos embaçados, ainda não percorridos pelos portugueses:

> *IV. A coroa / Nunalvares Pereira*
> Que aureola te cerca?
> É a espada que, volteando,
> Faz que o ar alto perca
> Seu azul negro e brando.
> (...)
> Ergue a luz de tua espada
> Para a estrada se ver!
> (PESSOA, 1998, p. 76)

O princípio é coroado, mas o fim nunca é finalizado. Observe que no brasão daquela época dos descobrimentos a coroa não é o objeto mais alto do brasão. É o grifo a representação de um vôo maior que a cumprimento da meta atingida, simbolizando, assim, o alcance de tudo aquilo que não pode ser visto pelos olhos através da áurea brilhante da coroa.

O vôo do Grifo para além do brasão

O grifo era, originalmente, um monstro imaginário, com corpo de leão, cabeça e asas de águia e com as costas cobertas de pena. Tal criatura encontrava ouro nas montanhas e com ele fazia seus ninhos. Seu instinto o levava a saber onde havia tesouros escondidos e ele tudo fazia para manter a distância este segredo dos ladrões e dos saqueadores (BULFINCH, 1967, p. 149). Figura bem associada esta do grifo para um povo que arriscava a vida no mar a farejar riquezas materiais.

Em *O timbre* de *Mensagem*, Pessoa estrutura a poesia em cabeça do grifo e em outras duas asas do grifo, partes estas representadas por Infante D. Henrique, D. João II e Affonso de Albuquerque, respectivamente. Estes personagens são portugueses que experienciaram a meta material cumprida, mas que acabaram por se deparar com dificuldades de vencer as tempestades sentimentais que afligiam suas almas:

(Figura 4 - O grifo)

> *A cabeça do grypho / O Infante D. Henrique*
> Em seu Throno entre o brilho das esferas
> Com seu manto de noite e solidão,
> (...)
>
> Uma asa do grypho / D. João, o segundo
> Braços cruzados, fita além do mar.
> (...)
> Seu formidável vulto solitário
> Enche de estar presente o mar e o céu,
> E parece temer o mundo vario
> (...)
>
> A outra asa do grypho / Affonso de Albuquerque
> De pé, sobre os paizes conquistados
> Desce os olhos cansados
> De ver o mundo e a injustiça e a sorte.
> (...) (PESSOA, 1998, p. 76-77)

A partir da leitura dos trechos destes poemas, percebe-se, no entanto, que o grifo português possui um vôo que não corresponde somente ao movimento de um corpo ou de um barco, mas o vôo da alma por entre os sofrimentos da distância, dos medos, das corrupções, da ausência da família, da saudade da infância, pelos muitos outros sentimentos que cercam o português ao abrir a janela do quarto de sua alma. Ao contrario dos grifos de ninhos dourados, o ninhos que os portugueses construíram não passaram do insustentável estado de seus barcos à deriva, que acabam por pressionar o português sob uma importância muito além da simples conquista do ouro.

Para concluir, a interiorização abstrata do escudo das quinas, reflete nada mais que o vôo do grifo em direção ao vazio que se estende para além das fronteiras das linhas que formam o brasão. Um vôo abstrato que pode ser expresso de acordo com aquilo de que ainda não se sabe ou que se pode achar que é Deus. As quinas edificam a coragem do português de sempre seguir. Para ir e voltar vale o risco de todos os perigos e de todas as aventuras. A imagem do brasão e o canto pessoano soam na mente do leitor como os sustenidos de uma nota dó, notas universais que cantam o sofrimento e as viagens de todos os homens. Pois,

> tudo volta sempre ao ponto de partida, todos regressam à aldeia donde saíram, como o fruto regressa à fundura da terra onde a árvore que o gerou esconde as raízes. Este desejo de viagem, ou, mais do que desejo, esta ansiedade, esta angústia e esta esperança, radicadas no mais íntimo do homem, constituem um dos assuntos permanentes da arte, da literatura e do pensamento português. Observe o leitor que os grandes assuntos da arte, os temas daqueles livros que maior beleza alcançam, que de maior perenidade desfrutam, mais permanente interesse suscitam, são os que se referem aos desejos, aos sentimentos e as idéias que, para lá de todas as circunstâncias das épocas em que os homens vão vivendo, perduram na própria raiz da existência sentimental e intelectual da humanidade (GULBENKIAN, 1963, p. 239-240).

FIM ?

(figura 05)

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BRECHON, Robert. *Fernando Pessoa: estranho estrangeiro*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BULFINCH, Thomas. *História de Deuses e Heróis: a idade da fábula.* Tradução de David Jardim Jr. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967.

CAMÕES, Luís de. Canto X. *Os Lusíadas*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

FARRA, Maria Lúcia Dal. Notas para uma futura compreensão do sebastianismo na *Mensagem* de Pessoa. In: IANONE, Carlos Alberto. *Sobre as naus da iniciação.* São Paulo: UNESP, 1998.

KAPPLER, Claude. Cosmografia e imaginário. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Obra Poética. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1998.

PLATÃO. *Diálogos III: A república*. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

S/AUTOR. Viajar, escrever e viver. *Boletim Informativo: literatura de viagens*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1963. nª 07.

Figuras

FIGURA-CAPA. Fonte: http://www.historia.com.pt/Mensagem/MarPortugues/padraoH.jpg

FIGURA 1. Fonte: http://1.bp.blogspot.com/_J47OlRfMls/ReAfXuDACiI/AAAAAAAAAAU/mBDoJRbYZDg/s320/bras%C3%A3o.JPG
(Acessado em 07/12/2009).

FIGURA 2. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Armoires_portugal_1160.svg (Acessado em 07/12/2009).

FIGURA 3. Fonte: http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/portugal/imagens/bandeira-de-portugal-17.gif (Acessado em 07/12/2009).

FIGURA 4. Fonte: http://4.bp.blogspot.com/_EAtVBJ9pau4/SLB8otmboKI/AAAAAAAABSE/6NbP325LRyg/s320/roak_o_grifo_red_jpg_rZd_159028.jpg (Acessado em 10/06/2010).

FIGURA 5. Fonte: http://cyberteca.files.wordpress.com/2009/02/caravelas.jpg (Acessado em 10/06/2010).